



MARCATTI, Amanda Aparecida. **Formação e Educação na Agroecologia: Entre Resistências e Subordinações**. 2020. 198p. Tese de Doutorado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.¹

FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO NA AGROECOLOGIA: ENTRE RESISTÊNCIAS E SUBORDINAÇÕES

Learning and Education in Agroecology: Between Resistance and Subordination

MARCATTI, Amanda Aparecida²

RESUMO

No final da década de 1950 foram introduzidas, nos países de clima subtropical da América Latina, tecnologias de modernização da agricultura. Estas tecnologias agrícolas conformaram um novo modelo de produção para o campo - a chamada Revolução Verde. No caso brasileiro, a Revolução Verde foi introduzida na agricultura pelas mãos do Estado. A Ditadura Militar pretendia tornar a agricultura nacional forte e competitiva, transformando o país em um “grande celeiro comercial”. Desse modo, a industrialização da agricultura foi considerada sinônimo de soberania nacional, ainda que introduzida no território de forma autoritária, violenta e desigual. A “modernização conservadora” da agricultura, ao ter como alicerce o latifúndio intensificou a concentração da propriedade privada da terra, acentuou a característica desigual e excludente da estrutura agrária brasileira, o que posteriormente foi agravado com o salto econômico, tecnológico e produtivo do Agronegócio. Como resposta ao progresso capitalista da agricultura e suas mazelas socioambientais, surgiram, em meados da década de 1970, diversos movimentos ecológicos de cunho contestatório ao pacote tecnológico da Revolução Verde. Esses movimentos pretendiam, além de denunciar a destruição ambiental causada pelos impactos da agricultura convencional, anunciar a possibilidade de uma nova agricultura de base ecológica, através da consolidação de tecnologias alternativas à Revolução Verde. A constituição da Agricultura Alternativa no Brasil influenciou muitos profissionais, agricultores, estudantes e pesquisadores, abrindo caminhos, na década de 1990, para a gestação da agroecologia. Nesse cenário, a agroecologia vem ganhando corpo no território latino-americano, como matriz produtiva e como movimento social que busca, no cultivo da autonomia alimentar, a superação do agronegócio como paradigma hegemônico, dispondo dos conhecimentos tradicionais dos camponeses, das pesquisas científicas e das lutas sociais. Portanto, compreendemos que a práxis agroecológica nos

¹ Orientador: Dr. Hormindo Pereira de Souza Junior. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela UFMG. Doutor em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado em Filosofia Política e Educação pela Universidade Federal Fluminense. Professor Associado da UFMG. Professor do Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação da FAE-UFMG. Desenvolve pesquisas no campo de confluência entre trabalho, política, formação e emancipação humana. E-mail: hormindojunior@gmail.com

² Doutora e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: amanda.apmarcatti@gmail.com

possibilita um diálogo potente com as problemáticas sociais de nosso tempo. Como superar a crise socioambiental gestada pela sociabilidade capitalista? Como reconstituir os ecossistemas degradados pela ação predatória do latifúndio e do agronegócio em séculos de exploração? Como produzir alimentos em uma escala compatível com as necessidades humanas, a partir da agroecologia? Como romper com os mecanismos de dependência interna se a economia nacional está assentada sob a exportação de *commodities*? Ao levantarmos tais questões nos deparamos com problemas reais da transição agroecológica e da transformação das relações sociais de trabalho e produção. Desse modo, investigamos nesta pesquisa a práxis agroecológica a partir da análise das categorias trabalho, formação e emancipação humana. Para tanto, entrevistamos quatro agricultores agroecológicos, vinculados a diferentes organizações e movimentos agroecológicos, somadas as observações de campo realizadas no IV Encontro Nacional de Agroecologia, no X Congresso Brasileiro de Agroecologia e no Acampamento "Maria da Conceição", vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Os resultados da pesquisa demonstram que a transição agroecológica não envolve somente a modificação das técnicas de produção. Todo o processo de transformação abarca a construção de caminhos formativos e educativos que envolvem a mudança e assimilação do modelo produtivo do agronegócio para o agroecológico, sendo a formação, a descolonização das práticas produtivas e do imaginário social um fazer contínuo e necessário à essa transição. Assim, os problemas colocados para a transição agroecológica perpassam também a dimensão da formação humana e a transformação das relações sociais de produção. Consideramos que a solidificação da agroecologia como novo paradigma agrícola está diretamente vinculado à possibilidade de suplantarmos a falha metabólica oriunda da agricultura capitalista. Entretanto, em muitos casos a agroecologia tem sido reduzida a produção e consumo de alimentos orgânicos, tornando-se uma "alternativa verde" ao mercado e as problemáticas ecológicas do capitalismo. De outro modo, as vivências ao longo da pesquisa demonstraram que a agroecologia não é um todo homogêneo, pelo contrário, a diversidade de perspectivas e práticas agroecológicas marca simultaneamente as potencialidades e subordinações desse paradigma. Por fim, concluímos que a agroecologia é um processo em movimento, que envolve resistências, formações e reconexões entre a humanidade e a natureza, podendo nos abastecer de novas rotas e caminhos societários.

Palavras-chave: Agroecologia. Trabalho. Formação. Emancipação.

ABSTRACT

In the late 1950s, modernizing agriculture technologies were introduced in Latin America's subtropical climate countries. These technologies shaped a new production model for the countryside - the so-called Green Revolution. In Brazil's case, the Green Revolution was introduced into agriculture by the state. The Military Dictatorship intended to make national agriculture strong and competitive, transforming the country into a "great commercial granary". In this way, the industrialization of agriculture was considered synonymous with national sovereignty, despite being introduced into the territory in an authoritarian, violent, and unequal manner. The "conservative modernization" of agriculture, based on the latifundium, intensified the concentration of private ownership of land, and accentuated the unequal and excluding characteristics of the Brazilian traditional agrarian structure, which were later aggravated by the economic, technological, and productive emergence of agribusiness. As a response to the capitalist progress of agriculture and its social and

environmental plagues, several ecological movements emerged in the mid-1970s, contesting the technological package of the Green Revolution. These movements aimed not only to denounce the environmental destruction caused by the impacts of conventional agriculture, but also to announce the possibility of a new ecological-based agriculture through the consolidation of technologies alternative to those of the Green Revolution. The constitution of Alternative Agriculture in Brazil influenced many professionals, farmers, students, and researchers, opening paths in the 1990s for the emergence of agroecology. In this scenario, agroecology has been gaining strength in Latin America, as a productive matrix and as a social movement itself that seeks, by focusing on food autonomy, to overcome agribusiness as a hegemonic paradigm, making use of the traditional knowledge of peasants, scientific research and social struggles. Therefore, we understand that agroecological praxis allows us to have a powerful dialogue with the social problems of our time. How can we overcome the socio-environmental crisis caused by capitalist sociability? How to reconstitute ecosystems degraded by the predatory action of latifundium and agribusiness in centuries of exploitation? How to produce food on a scale compatible with human needs, following the principles of agroecology? How can we break with the mechanisms of internal dependence if the national economy is based on the export of commodities? By raising such questions we deal with real problems of the agroecological transition and the transformation of social relations of labor and production. In this way, in this thesis, I investigate the agroecological praxis by analyzing the categories of labor, learning, and human emancipation. To this end, on the one hand, I interviewed four agroecological farmers, belonging to different agroecological organizations and movements; on the other hand, I collected data from a series of field researches and direct observations, such as in the occasion of my participation in the IV Encontro Nacional de Agroecologia and the X Congresso Brasileiro de Agroecologia, and during my period of research in the "Maria da Conceição" Camp, linked to the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). The results of the research show that the agroecological transition not only involves the modification of production techniques. The entire transformation process encompasses the construction of formative and educational paths that involve the change and assimilation of the productive model from agribusiness to agroecology; a process where the learning and the decolonization of productive practices and the social imaginary represent a unique and continuous moment of this transition. Thus, the problems posed for the agro-ecological transition also exceed the dimension of human formation and the transformation of social relations of production. We consider that the strengthening of agroecology as a new agricultural paradigm is directly related to the possibility of overcoming the metabolic rift that originated in capitalist agriculture. However, it is frequent to reduce agroecology to organic food production and consumption, making it a "green alternative" to the market and the ecological problems of capitalism. On the other hand, the outcome of my research shows that agroecology is not a homogeneous whole; on the contrary, the diversity of perspectives and agroecological practices mark both the potentials in terms of resistance and the risks of subordination of this paradigm. In the end, we conclude that agroecology is a process in motion, involving resistance,

formations, and reconnections between humanity and nature, and can provide us with new possibilities and societal paths.

Keywords: Agroecology. Labour. Learning. Emancipation.

Data da submissão: 28/01/2021.

Data da aprovação: 08/05/2021.